

Intérprete de Libras



Libras

LIBRAS é a sigla de Língua Brasileira de Sinais.

As línguas de sinais (LS) são as línguas naturais das comunidades surdas.

Ao contrário do que muitos imaginam, as línguas de sinais não são simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação. São línguas com estruturas gramaticais próprias.

Atribui-se às línguas de sinais o status de língua porque elas também são compostas pelos níveis lingüísticos: fonológico, morfológico, sintático e semântico.

O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas oral-auditivas são denominados sinais nas línguas de sinais.

O que diferencia as línguas de sinais das demais línguas é a sua modalidade visual-espacial.

Assim, uma pessoa que entra em contato com uma língua de sinais irá aprender uma outra língua, como o Francês, Inglês, etc.

Os seus usuários podem discutir filosofia ou política e até mesmo produzir poemas e peças teatrais.

A língua brasileira de sinais (Libras) é a língua de sinaisPB (língua gestualPE) usada pela maioria dos surdos dos centros urbanos brasileiros e legalmente reconhecida como meio de comunicação e expressão. É derivada tanto de uma língua de sinais autóctone, que é natural da região ou do território em que habita, quanto da língua gestual francesa; por isso, é semelhante a outras línguas de sinais da Europa e da América.

A Libras não é a simples gestualização da língua portuguesa, e sim uma língua à parte, como o comprova o fato de que em Portugal usa-se uma língua de sinais diferente, a língua gestual portuguesa (LGP).

Assim como as diversas línguas naturais e humanas existentes, ela é composta por níveis linguísticos como:

Fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

Da mesma forma que nas línguas orais-auditivas existem palavras, nas línguas de sinais também existem itens lexicais, que recebem o nome de sinais. A

diferença é sua modalidade de articulação, a saber visual-espacial, ou cinésico-visual, para outros. Assim sendo, para se comunicar em Libras, não basta apenas conhecer sinais. É necessário conhecer a sua gramática para combinar as frases, estabelecendo a comunicação de forma correta, evitando o uso do "Português sinalizado".

Os sinais surgem da combinação de configurações de mão, movimentos e de pontos de articulação — locais no espaço ou no corpo onde os sinais são feitos — e também de expressões faciais e corporais que transmitem os sentimentos que para os ouvintes são transmitidos pela entonação da voz, os quais juntos compõem as unidades básicas dessa língua.

Assim, a Libras se apresenta como um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Como em qualquer língua, também na libras existem diferenças regionais. Portanto, deve-se ter atenção às suas variações em cada unidade federativa do Brasil.

O antigo Instituto dos Surdos, hoje, Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES) foi a primeira escola para surdos no Brasil, fundada em 1857 por Dom Pedro II e teve como primeira denominação o nome Collégio Nacional para Surdos (de ambos os sexos). Foi a partir deste, com a miscigenação da antiga língua de sinais brasileira com a língua de sinais francesa, que, definitivamente, nasceu a língua brasileira de sinais (Libras)

Por ser a única instituição para surdos no país e no continente, o INES foi muito procurado por brasileiros e estrangeiros, virando referência na educação, socialização e profissionalização de surdos.

No entanto, em 1880, houve em Milão um Congresso que proibiu a língua de sinais (gestual), achou-se por melhor adotar a oralização julgando que esta seria de melhor valia para a educação e o aprendizado dos surdos. Muitos surdos e professores criticaram tal ação, pois legitimavam a comunicação sinalizada.

Através de diversos movimentos e muita pesquisa na área, foi legitimada como Língua a comunicação gestual entre surdos. Foi apenas no fim do século XX que os movimentos se intensificaram querendo a oficialização da língua brasileira de sinais (Libras), em 1993 o projeto de lei entrou na longa batalha para a regulamentação da Libras no país.

Apenas no ano de 2002 a língua brasileira de sinais foi oficialmente reconhecida e aceita como segunda língua oficial brasileira, através da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002.

Mesmo com um andamento lento o progresso para a cultura Surda acontece. O século XXI começou e fez a Libras realmente avançar.

Em 2005, através do decreto 5.626 a língua brasileira de sinais foi regulamentada como disciplina curricular. Já em 2007, a estrutura de língua foi aplicada a Libras, já que ela é uma língua natural e possui complexidades próprias e comunicação eficaz. Em 2010 foi regulamentada a profissão de Tradutor/ Interpretador de Libras através da Lei 12.319 de 1º de Setembro de 2010, simbolizando mais uma grande conquista.

É dever do Poder Público garantir acesso e educação para surdos nas escolas regulares de ensino, garantindo seu aprendizado e progressão educacional.

Informações Técnicas

LIBRAS

A LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) tem sua origem na Língua de Sinais Francesa. As línguas de sinais não são universais. Cada país possui a sua própria língua de sinais, que sofre as influências da cultura nacional. Como qualquer outra língua, ela também possui expressões que diferem de região para região (os regionalismos ou dialetos), o que a legitima ainda mais como língua.

Sinais

Os sinais são formados a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais são feitos. Nas línguas de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros que formarão os sinais:

Configuração de mãos: são formas das mãos que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros ou esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos. Os sinais DESCULPAR, EVITAR e IDADE, por exemplo, possuem a mesma configuração de mão (com a letra Y). A diferença é que cada uma é produzida em um ponto diferente no corpo.

Ponto de articulação: é o lugar onde incide a mão predominante configurada, ou seja, local onde é feito o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro.

Movimento: os sinais podem ter um movimento ou não. Por exemplo, os sinais PENSAR e EM-PÉ não têm movimento; já os sinais EVITAR e TRABALHAR possuem movimento.

Expressão facial/corporal: as expressões faciais/corporais são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em língua de sinais é feita pela expressão facial.

Orientação/Direção: os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros acima. Assim, os verbos IR e VIR se opõem em relação à direcionalidade.

Convenções da LIBRAS

A grafia: os sinais em LIBRAS, para simplificação, serão representados na Língua Portuguesa em letra maiúscula. Ex.: CASA, INSTRUTOR.

A datilologia (alfabeto manual): é usada para expressar nomes de pessoas, lugares e outras palavras que não possuem sinal, estará representada pelas palavras separadas por hífen. Ex.: M-A-R-I-A, H-I-P-Ó-T-E-S-E.

Os verbos: serão apresentados no infinitivo. Todas as concordâncias e conjugações são feitas no espaço. Ex.: EU QUERER CURSO.

As frases: obedecerão à estrutura da LIBRAS, e não à do Português. Ex.: VOCÊ GOSTAR CURSO? (Você gosta do curso?)

Os pronomes pessoais: serão representados pelo sistema de apontação. Apontar em LIBRAS é culturalmente e gramaticalmente aceito.

Para conversar em LIBRAS não basta apenas conhecer os sinais de forma solta, é necessário conhecer a sua estrutura gramatical, combinando-os em frases.

Legalidade da Libras

Portanto, a partir desta Lei, a Língua Brasileira de Sinais passou a ser considerada como um meio de comunicação e expressão e não interpretada apenas por gestos ou mímicas. Mesmo com o passar dos anos a Libras

(Língua Brasileira de Sinais) continua fazendo parte de uma minoria linguística na qual é constituída por surdos e o meio social em que ele vive, através dessa língua ele consegue mostrar sua capacidade e seu desenvolvimento no meio social.

Contudo, a lei existe, mas não é executada da maneira correta em diversos lugares, não só nas escolas, como por exemplo nos bancos, consultórios médicos e supermercados, ou seja, ainda falta infraestrutura e profissionais qualificados que possam atender os surdos como está constituído nesta lei.

É importante saber que a atualidade é um período de plena informação e tecnologia avançada, mas encontramos ainda a crença de que no Brasil todos falam português, se esquecendo das línguas indígenas, imigrantes e da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que foi reconhecida como a língua natural das comunidades surdas do país, através da lei nº10.436/2002, garantido o direito do reconhecimento da Libras como língua de manifestação e expressão das pessoas surdas no acesso à educação, à saúde, à cultura e ao trabalho.

Estão garantidas no Brasil, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da língua brasileira de sinais como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. O governo do estado brasileiro de São Paulo produziu um dicionário voltado para os surdos, elaborado com o intuito de diminuir ao máximo a exclusão digital. Produzido em CD-ROM, o dicionário tem 43 606 verbetes, 3 000 vídeos, 4 500 sinônimos e cerca de 3 500 imagens.

Convenções para a transcrição

A Libras, como as outras línguas de sinais, não tem um sistema de escrita largamente adotado, embora existam algumas propostas, como a SignWriting, que estão sendo usadas em algumas escolas e publicações.

Na falta de uma escrita própria, a Libras tem sido transcrita usando palavras em português que correspondam ao significado dos sinais. Para designar que a palavra em português indica um sinal, é grafada convencionalmente em letras maiúsculas. Por exemplo: LUA, BOLO.

Porque é uma língua?



A expressão "língua gestual", ao invés de "linguagem gestual", refere-se à língua materna de uma comunidade de surdos. As línguas gestuais são línguas naturais, que surgem e se desenvolvem naturalmente, como as línguas orais. Esta língua é produzida por movimentos das mãos, do corpo e por expressões faciais e a sua recepção é visual. Tem um vocabulário e gramática próprios.

Uma língua é um sistema de comunicação específico e exclusivo do ser humano, sendo gerido por regras particulares. Assim como as línguas orais, a LGP possui as características das línguas naturais:

é composta, maioritariamente por símbolos arbitrários;

é um sistema linguístico;

é partilhada por uma comunidade de pessoas que a utilizam como sua forma de expressão mais natural;

possui propriedades como a criatividade e a recursividade;

possui aspectos contrastivos;

é um sistema em constante renovação e evolução: apresenta o fenómeno da dinâmica linguística.

Existe a crença de que língua gestual, é universal. Essa ideia é incorreta. Assim como as línguas orais, as línguas gestuais desenvolveram-se naturalmente, e assim sendo, cada comunidade possui a sua. Existem países com diversas línguas gestuais e em todo o mundo existem dezenas de línguas gestuais diferentes. Além disso, os surdos sentem as mesmas dificuldades que

os ouvintes quando necessitam comunicar com outros que utilizam uma língua gestual diferente. Assim sendo, cada país (e, por vezes, região dentro de um país, como acontece no Québec onde é usada a Língua Gestual Quebequiana ao invés da Língua Gestual Americana como no resto do país) terá a sua própria língua gestual. Por exemplo, no Brasil existe a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Para acrescentar, como qualquer língua oral, a LGP possui variantes dentro do seu próprio órgão (idioma), alterando, relativamente, de região para região e dependendo do grau de instrução e das profissões dos surdos, em cada uma das regiões. Existem, por isso, dialetos e regionalismos.

A LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais, ao contrário do que muitos pensam, é uma língua e possui uma estrutura gramatical própria, ultrapassa as ideias daqueles que acreditam ser apenas gestos ou mímicas, como uma maneira de comunicação entre os deficientes auditivos.

Considera-se a LIBRAS uma língua por possuir corretamente os níveis linguísticos fonológico, morfológicos, sintático e semântico, e o que vai diferenciar essa língua das demais é a sua modalidade visual-espacial, pois, o que denominamos de palavra na língua oral-auditiva, na LIBRAS é denominado por sinais.

Inicialmente, ao buscarmos entender o que é Libras, é necessário antes, esclarecer o que é a língua de sinais.

A língua de sinais é também conhecida como língua gestual. A mesma utiliza-se de gestos e sinais em substituição à língua que todos nós bem conhecemos em nossas comunicações: a língua de sons ou oral.

Falamos em comunicação e a língua de sinais possui exatamente esse sentido, ou seja, de ser o meio de um grupo de indivíduos poderem comunicar-se, pois é através dela que as pessoas surdas trocam comunicações entre si, e até mesmo com as pessoas que já aprenderam a interpretá-la. Aliás, isto vem ocorrendo de forma cada vez mais significativa.

A Língua de Sinais não é universal, visto que cada país possui a sua própria língua, o mesmo ocorre na Língua de Sinais, há variações de acordo com cada lugar. O que acontece é que a cultura local provém muito nos resultados da língua, e as expressões são influenciadas pelo regionalismo, o que vai justificá-la ainda mais como língua.

Os sinais são movimentos específicos realizados pelas palmas da mão, e dependem de um ponto ou espaço de localização em que esses sinais são realizados, pois, como toda língua, também deve ser padronizada e isso acontece através de alguns parâmetros traçados para que todos realizem e possam compreender uns aos outros.

Muitos acham que, por se tratar de comunicação por gestos, ela deveria ser igual para todos os surdos. Outros acham que a comunidade surda do mundo, por ser pequena, deveria fazer uso de apenas uma língua de sinais, até mesmo, por se tratar de uma linguagem icônica (representativa). Vejamos por que não é assim:

Primeiro que a língua de sinais não é baseada em gestos ou mímicas, trata-se de uma língua natural, com léxico (léxico é todo o conjunto de palavras que as pessoas de uma determinada língua têm à sua disposição para expressar-se, oralmente ou por escrito) e gramática próprios.

Segundo que cada comunidade de surdos desenvolveu a sua própria língua de sinais, tal como cada povo desenvolveu sua língua oral. Isso demandou muito tempo.

Assim como existem várias línguas faladas no mundo, também existem várias línguas de sinais pelo mundo. Cada país tem sua própria língua de sinais, tal como temos nossa própria língua falada. Vejamos algumas línguas de sinais espalhadas pelo mundo:



Libras = Língua Brasileira de Sinais



LGP = Língua Gestual Portuguesa



SLN = Sign Language of Netherlands



ASL = American Sign Language



LSA = Lengua de Señas Argentina



BSL = British Sign Language



LSCH = Lengua de Señas Chilena



LSF = Langue des Signes Française

A língua de sinais se difere das línguas orais-auditivas, uma vez que elas se realizam pelo canal visual e da utilização do espaço, por expressões faciais e até movimentos gestuais perceptíveis pela visão. Note-se aqui que a língua de sinais não faz apenas uso de gestos.

A língua de sinais é um legítimo sistema linguístico, inclusive estudada pelos linguistas, pois atende eficazmente às necessidades de comunicação entre os indivíduos surdos, os quais são capazes de expressarem qualquer assunto de seu interesse ou conhecimento.

Libras é a língua de sinais usada pela comunidade de surdos no Brasil e já foi reconhecida pela Lei, ou seja, é uma língua oficial, tal como nossa língua falada. A lei que dispõe sobre a língua de sinais é a Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002 4.

Estão garantidas pelo poder público, formas institucionalizadas de apoio para o uso e a difusão da Libras como meio de comunicação nas comunidades

surdas. O sistema estadual e municipal devem garantir a inclusão do ensino da Libras nos cursos de formação de educação especial, fonoaudiologia e magistério, tanto nos níveis médio como no superior. Estas e outras formas de apoio à comunidade surda estão reunidas em aproximadamente 18 leis/decretos/portarias 4 relacionadas à Libras/Surdez.

Libras é uma língua derivada da língua de sinais autóctone (que é natural da região onde ocorre), ou seja, do Brasil, e também da língua gestual francesa. Daí sua semelhança com línguas de sinais da Europa e da América. A Libras não é uma língua de gestos representando a língua portuguesa, e sim uma autêntica língua de nosso país.

Semelhante à língua oral que é composta por fonemas (qualquer dos traços distintivos de um som da fala, capaz de diferenciar uma palavra de outra), a Libras também possui níveis linguísticos como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. E as semelhanças não param por aí: na língua de sinais também existem itens lexicais, os quais se chamam de sinais. Motivo pelo qual é considerada uma autêntica língua.

O que é denominado de palavra (item lexical), na língua oral-auditiva, na língua de sinais são denominados de sinais. O diferencial da língua de sinais das demais línguas é a sua modalidade visual-espacial.

É por meio da linguagem dos sinais, conhecida por libras, que as pessoas portadoras de deficiência auditiva e de fala se comunicam entre si e com o restante da comunidade. Aprovada como meio legal de comunicação pela Lei 10.436, de 2002, a língua é o que permite que cerca de 9,7 milhões de brasileiros surdos (segundo Censo 2010 do IBGE) estejam cada vez mais inseridos na sociedade. Por conta disso, é muito importante que todos nós sejamos capazes de nos comunicar com eles – é assim que promovemos a inclusão social.

Ao se comunicar com um membro da comunidade surda, uma das primeiras coisas que você deve fazer é se apresentar. No entanto, a língua de sinais universal raramente é utilizada e não é considerada um meio de comunicação prático tampouco confiável. Por isso, este artigo irá te ensinar como falar seu nome na Língua Brasileira de Sinais. É importante ressaltar que essas instruções não serão úteis na maioria dos outros países.

Sinalize um "Oi". Forme um "O" com a mão e levante o dedo mindinho para cima, simultaneamente.

Sinalize o "Meu". Com a mão direita, forme um "5" e toque levemente o peito na região central.

Não aponte o dedo indicador em vez de manter a mão aberta, pois esse sinal se refere ao pronome pessoal “eu”.

Sinalize seu "Nome". Feche a mão e mantenha apenas os dedos indicador e médio levantados, com a palma para dentro. Faça um movimento horizontal linear da direita para a esquerda.

Soletre seu nome utilizando o alfabeto em Libras. Coloque a mão em uma posição visível e soletre em um ritmo constante. O mais importante é sinalizar as letras de forma compreensível.

Faça o uso de pausas breves entre uma palavra e outra se você estiver soletrando seu nome completo;

Nas situações em que o nome tiver duas letras iguais em sequência, você deverá “abrir” e “fechar” sua mão para sinalizar ambas. Ou, ainda, fazer o sinal da segunda letra no lado oposto da primeira, sem mudar a configuração da mão.

Junte as palavras. Sinalize a frase novamente: "Oi, meu nome ____". Mantenha os sinais nessa ordem.

O verbo “Ser/Estar” quase nunca é utilizado durante a conversação em Libras. Portanto, não soletre “é” em uma frase.

Demonstre seus sentimentos através da linguagem corporal. A expressão corporal e facial é extremamente importante na Libras. Deixar de adequar o corpo ao que se diz torna a conversa monótona e sem entonação.

Quando estiver soletrando o seu nome, por exemplo, sorria para demonstrar simpatia. Utilize a expressão facial para dar entonação ao pronome “meu” quando for utilizá-lo. E, sempre faça contato visual com quem você estiver conversando.

Revele seu sinal pessoal (opcional). Não é necessário utilizar esse sinal, que será abordado a seguir, em apresentações. Geralmente, você irá soletrar o seu nome quando estiver sendo apresentado formalmente a alguém. O sinal pessoal poderá ser utilizado em outro momento. Mas, se você estiver sendo apresentado casualmente, por um amigo em comum, você poderá dizer “Oi, meu nome (soletre), (sinal pessoal)”.

Batismo do sinal pessoal em libras

Comece com a soletração. Uma vez que você não possui sinal pessoal, se apresente soletrando seu nome. Mas antes, aprenda o alfabeto em Libras por meio de vídeos online ou através do contato com pessoas da comunidade surda. Soletrar o seu nome é tão simples quanto escrever letra por letra. Pratique até que você seja capaz de sinalizar em um ritmo constante.

De maneira geral, a língua de sinais não é representada pelo alfabeto em si, ou seja, saber soletrar todas as palavras não é importante.

A soletração é utilizada nas situações em que você precisa dizer um nome próprio ou qualquer outra palavra que não tenha um sinal específico;

Nas situações em que o nome próprio for curto e fácil de ser soletrado, esse será o provável sinal que representará a pessoa.

Conheça o sinal pessoal. É uma palavra criada na Libras para representar uma determinada pessoa através de suas características. Um surdo pode designar um sinal quando sentir que você faz parte da comunidade.

Esse sinal é simbolizado pela primeira letra do seu nome, de acordo com o alfabeto em Libras. Com essa configuração de mão você pode, por exemplo, tocar uma cicatriz em seu rosto. Ou fazer um movimento linear vertical com a mão para se referir a um cabelo longo, ou a um acessório que você utiliza com frequência.

Apesar de parecer simples, é muito difícil criar um sinal pessoal por conta própria. A língua de sinais faz uso de uma gramática visual que se limita a configuração da mão, posição e movimento. Ou seja, a não ser que você tenha feito curso de Libras ou praticado por muito tempo, o nome que você criou pode não parecer sequer com uma palavra.

Não crie o seu próprio sinal: em vez disso, permita que uma pessoa surda dê um a você. Quando um surdo designa um sinal pessoal, significa que você já é considerado parte da comunidade. Esse é o momento mais importante para um falante não nativo, e em muitos grupos isso pode demorar anos para acontecer. E se mesmo assim você ainda não está convencido, existem vários outros motivos pelos quais a soletração do nome não deve ser substituída por um sinal criado por conta própria:

Pode ser que você adote uma configuração de mão ou movimento difícil de ser compreendido, ou ainda descumpra as regras gramaticais;

O sinal criado por você pode ter conotação negativa;

Outro falante pode estar usando esse sinal;

Seu sinal pode ser parecido ou igual ao de uma pessoa famosa. (Imagine um estranho tentando fazer uso do nome Martin Luther King);

Além disso, vai totalmente contra a cultura surda.

Os sinais mudam e se multiplicam. Se você é aprendiz de Libras e conhece falantes experientes, já deve ter notado que algumas pessoas podem ser representadas por mais de um sinal pessoal. Isso geralmente acontece quando elas são nomeadas por diferentes comunidades.

Com o passar do tempo os sinais acabam sendo reformulados por vários motivos: questões regionais, para se distinguirem de outros que possam ser similares, para se tornarem mais fáceis de simbolizar ou por fazerem referência a alguma característica constrangedora ou irrelevante.

Crianças e jovens surdos geralmente gostam de criar sinais pessoais, mas pode ser que se motivem mais pela diversão do que pela praticidade. Você pode acabar sendo representado por uma palavra pouco elegante ou difícil de sinalizar.

A comunicação entre as pessoas é feita de várias formas: através da fala, dos gestos, de cartas, emails, conversas em computador, dentre outras. Em todos esses casos, uma pessoa emite uma mensagem e a outra recebe.

Durante essa comunicação, vamos trocando de papel, ora sendo emissores, ora receptores.

Os jornais, as revistas, o rádio e a televisão também são formas de nos comunicar, sendo chamados meios de comunicação. Porém, com esses não temos jeito de interagir, trocando os papéis, como fazemos quando conversamos com alguém.

O órgão dos sentidos que nos permite ouvir as notícias ou as conversas é a audição. Porém, algumas pessoas nascem com problemas na audição, não conseguindo ouvir claramente, e outras, não ouvem nada. Devido a isso, a fala também é prejudicada, e não são raros os casos em que ela não é desenvolvida.

Modelo Cognitivo

O aspecto dos métodos que tem sido mais problemático é a ausência de trabalhos, ou afirmação de que existe um único método para todas as crianças com surdez. Para aquelas que têm resíduos auditivos, pode ser oferecido um acesso para o código da fala dentro de uma abordagem oral.

Diferentemente, para aqueles que não têm razoável resíduo ou mesmo grande dificuldade em desenvolver a oralidade, a Língua de Sinais constitui-se na língua mais adequada para o sujeito interagir com o meio.

Na atual conjuntura, essas três abordagens convivem no Brasil, tendo relevância no trabalho com os alunos com surdez apesar das discórdias e conflitos existentes entre os profissionais que as seguem. De um lado, os oralistas acreditam na normalização e, por isso mesmo, preconizam a integração e o convívio das pessoas com surdez com os ouvintes por meio da língua oral.

Ao valorizar a modalidade oral de língua, acreditam que estabelece-se uma relação direta entre o desempenho na fala e a cognição. Considera-se que o sujeito que se expressa com maior desenvoltura é mais inteligente pois tem mais acesso à cultura, à compreensão da leitura orofacial integrando-se efetivamente na sociedade. Já, os defensores da linguagem gesto visual apontam que a pessoa com surdez, ao adquirir, espontaneamente, a Língua de Sinais no convívio com seus pares, têm a possibilidade de se desenvolver nos campos cognitivo, emocional e social; têm sua auto estima elevada pois valoriza-se a sua língua podendo, assim, lutar política e socialmente por seus direitos como minoria lingüística

Para os defensores do Bilinguismo, o uso da Língua de Sinais traz grandes benefícios para a criança com surdez. Aponta-se a necessidade do surdo ser “bilíngüe”, ou seja, de ter acesso e dominar a sua língua natural (Língua de Sinais), e, a Língua Portuguesa, na modalidade escrita e, quando possível, na modalidade oral (pelo menos, compreendendo-a pela leitura orofacial). Segundo Fernandes (1990), é fundamental o acesso à Língua de Sinais o mais precocemente possível pois a dificuldade do surdo em adquirir linguagem oral nos primeiros anos, traz consequências para o seu desenvolvimento mental, emocional e sua integração social.

Poker (2002) em seus estudos constatou que o problema da surdez não se localiza no retardo da linguagem oral em si, mas no que essa privação lingüística provoca: impede o sujeito de se expressar, de explicar e de compreender diferentes situações ocorridas no ambiente ao seu redor. De acordo com Poker, para enfrentar esta situação, é fundamental oferecer para o sujeito com surdez um instrumento simbólico (língua oral ou gestual), o mais precocemente possível para que sejam propiciadas as trocas simbólicas entre

o sujeito e os outros. Só assim a surdez pode deixar de prejudicar as funções cognitivas do aluno.

É importante que se ofereça à criança surda um ambiente estimulante, que possibilite sua ação não só física, mas principalmente, sua ação mental, que se reconheça o sujeito com surdez como participante ativo do processo educativo, que se proporcione situações constantes e sistemáticas de troca simbólica com o meio e, por fim, que se entenda a linguagem como instrumento efetivo de comunicação e expressão do pensamento, capaz de desenvolver as estruturas cognitivas mais complexas.

Segundo Poker (2002), na tentativa de facilitar a comunicação, os professores e as pessoas, geralmente, nas interações estabelecidas com os sujeitos com surdez, costumam simplificar frases, omitir informações complexas, restringir fatos a dados concretos, reduzir as informações. Preocupam-se mais com o como se fala do que com o quê se fala, evitam situações de conflito não estimulando a argumentação, a troca de idéias.

Modelo Interativo

A visão de ensino na abordagem gramatical usualmente se pauta em livros didáticos ou materiais cujo objetivo é transmitir conteúdos da estrutura gramatical da língua alvo. Já na abordagem comunicativa ensinar uma língua é promover o desenvolvimento da competência comunicativa (e lingüística) sempre partindo da promoção de vivências do uso real e significativo da língua alvo a partir da construção de novos significados na e através da interação com o outro.

A Língua Brasileira de Sinais – mais conhecida pela sigla Libras – é o sistema gestual desenvolvido e adotado pelo Brasil que possibilita a comunicação entre pessoas surdas e qualquer outra pessoa interessada em relacionar-se com tal comunidade. Como qualquer outra língua, esta é composta de todos os elementos (semântica e sintaxe, por exemplo) imprescindíveis para que seja considerada um instrumento linguístico de força e poder. Além de demandar estudo prático para que se alcance um pleno aprendizado.

A libras, presente hoje nas escolas preparadas para lesionar tal disciplina, não é uma simples gestualização da língua portuguesa falada e normativa, mas sim uma língua própria, à parte. Em Portugal, por exemplo, o sistema utilizado é diferente do alfabeto em libras. Assim como nas diversas línguas orais-auditivas há os seus níveis linguísticos, da mesma forma na língua de sinais existem seus léxicos (sinais). Logo, da mesma forma que não só aprendendo a falar você se comunica efetivamente, em linguagem de sinais também é preciso que as frases tenham concordância.

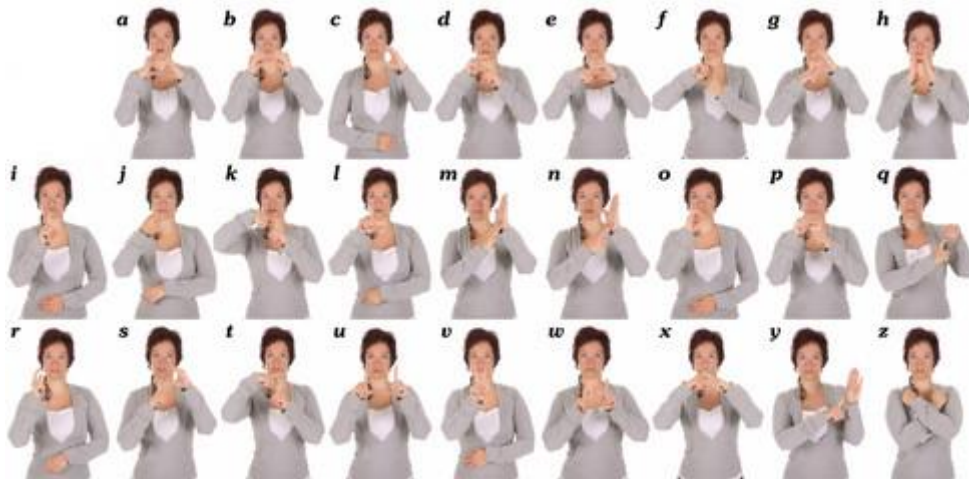
Números de 1 à 10



Alfabeto



O alfabeto em libras, basicamente, consiste na soletração de letras e numerais com as mãos. O sistema é usado, apenas, para formar nomes de pessoas, rótulos, lugares, endereços e vocábulos que se tenha dúvida, ou inexistentes, na língua de sinais.



Sobre a Língua dos Sinais

A Libras foi produzida nos anos 1800, e um grupo crítico de pessoas surdas nos Estados Unidos utilizou isso a partir desse ponto. A Libras não é identificado com o inglês, apesar do fato de obtido do inglês – o mesmo número de dialetos falados. Libras tem uma organização de palavras que é única em relação ao inglês, e tem suas próprias figuras de fala, piadas e versos – tudo irrelevante para o inglês. Indivíduos que reforçam Libras confiam que qualquer coisa pode ser instruída no Libras, pois é um dialecto guiado por propriedades.

A comunicação via gestos é externa. Uma pergunta, por exemplo, um homem, criatura ou coisa, deve ser compreendida por duas reuniões antes que qualquer dado possa ser marcado sobre o assunto. Algumas pessoas acreditam que este é o procedimento regular para o dialeto. Numerosos dialetos dependem desse pensamento – é o verbo da coisa executar o show. Você deve nomear uma pergunta antes de poder falar sobre isso.

Apesar do fato de que a população surda na América teve muito avanço através de leis que avançam equilíbrio comum e progressão instrutiva de

indivíduos surdos, nem todos os estados na América percebem Libras como um dialeto real.

Quem é o Intérprete: Pessoa que transmite o que foi dito de uma língua (língua fonte) para outra (língua alvo).

Quem é o Tradutor: Pessoa que traduz de uma língua para outra. Refere-se ao processo envolvendo pelo menos uma língua escrita. Assim tradutor é aquele que traduz um texto escrito de uma língua para a outra (seja ela escrita ou oral).

Intérprete de Língua de Sinais - LIBRAS

O intérprete de Língua de Sinais - LIBRAS é a pessoa que interpreta a mensagem de uma dada língua para a língua de sinais e vice-versa, sem perder o seu sentido original.

É importante lembrar que a interpretação entre duas línguas é bidirecional (como uma via de mão dupla).

O que envolve o ato de interpretar?

- Envolve um ato cognitivo-lingüístico (atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem). Intenções comunicativas específicas/línguas diferentes.
- Está envolvido na interação comunicativa (Social e Cultural).
- Processa informações dadas na língua fonte e faz escolhas (o tempo todo) para a língua alvo.
- Desafio: a modalidade e/ou meio de comunicação entre a Língua de Sinais - LIBRAS e a Língua Oral são muito diferentes (Oral-Auditivo x Sinal-Visual).

Além disso, o intérprete deve respeitar seu Código de Ética, onde os itens a seguir são os mais importantes: confiabilidade (sigilo), imparcialidade (neutro), discrição (limites na atuação), fidelidade (fiel as informações).

Quem é o Intérprete: Pessoa que transmite o que foi dito de uma língua (língua fonte) para outra (língua alvo).

Quem é o Tradutor: Pessoa que traduz de uma língua para outra. Refere-se ao processo envolvendo pelo menos uma língua escrita. Assim tradutor é aquele que traduz um texto escrito de uma língua para a outra (seja ela escrita ou oral).

O intérprete de Língua de Sinais - LIBRAS é a pessoa que interpreta a mensagem de uma dada língua para a língua de sinais e vice-versa, sem perder o seu sentido original.

É importante lembrar que a interpretação entre duas línguas é bidirecional (como uma via de mão dupla).

O que envolve o ato de interpretar?

- Envolve um ato cognitivo-lingüístico (atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem). Intenções comunicativas específicas/línguas diferentes.
- Está envolvido na interação comunicativa (Social e Cultural).
- Processa informações dadas na língua fonte e faz escolhas (o tempo todo) para a língua alvo.
- Desafio: a modalidade e/ou meio de comunicação entre a Língua de Sinais - LIBRAS e a Língua Oral são muito diferentes (Oral-Auditivo x Sinal-Visual).

Além disso, o intérprete deve respeitar seu Código de Ética, onde os itens a seguir são os mais importantes: confiabilidade (sigilo), imparcialidade (neutro), discrição (limites na atuação), fidelidade (fiel as informações).

O tradutor pode ser metaforicamente representado por um avião. Em se tratando de uma mesma modalidade linguística, esse avião parte de seu aeroporto de origem, percorre o trajeto no céu que deve ser orientado por uma torre de comando para, enfim, chegar à base aérea do outro aeroporto de destino. No entanto, tratando-se de uma modalidade diferente, esse mesmo avião parte da mesma base, percorre o mesmo trajeto no céu, mas seu destino é um porto marítimo. (SEGALA, 2010, p.7)

Na metáfora de Segala (2010), é apresentada a atividade do tradutor, sem fazer menção à atividade de interpretação. Anater e Passos (2010, p. 209) apresentam uma definição para o tradutor e, também, para o tradutor intérprete de LS:

[...] entendido como aquele que busca tornar compreensível o que antes era ininteligível por meio de um movimento “para além de algo”, “através de”, em que o pensamento se desloca constantemente entre pontos diferenciados de partida e de chegada, num fluxo contínuo na tradução. Aproveitamos, também, outra definição recorrente, a qual concebe o TILS como mediador de conteúdos sobretudo se ele estiver atuando em sala de aula, local em que sua tarefa é bastante específica. Nessa posição ele é um “mensageiro” do conhecimento; e também “elo” ou “ponte” entre duas culturas, responsável pelo acesso à informação e à compreensão pela pessoa surda daquilo que é dito.

A interpretação entre duas línguas representa um desafio mental. As atividades neste laboratório foram desenhadas para ajudar o intérprete a:

- Entender os processos envolvidos na interpretação;
- Estar ciente das escolhas linguísticas presentes numa situação interpretativa;
- Tomar decisões intencionais e não automáticas na realização da interpretação;
- Proporcionar um entendimento da mecânica da interpretação para que o intérprete possa agir propositalmente e não apenas sendo guiado pela intuição

Vários pesquisadores têm trabalhado bastante para criar modelos da interpretação que procuram descrever os fatores cognitivos utilizados neste processo para poder ajudar o intérprete a melhorar o seu desempenho criando um produto superior. Possivelmente os dois modelos mais importantes foram criados por Betty Colonomos (The Bicultural Center) e Dennis Cokely (Northeastern University). Devemos lembrar de que um modelo é apenas isso: um modelo. Permite ao intérprete uma perspectiva sobre o processo que

acontece física e mentalmente na criação de uma interpretação. Seja qual for a perspectiva, não devemos considerá-los como teorias opostas senão como pontos de vista aspectos de uma tarefa complexa e desafiadora. Vale o esforço estudar e compreender os diversos modelos. Para o processo da Análise do Discurso, é importante anotar os passos básicos na criação da interpretação.

Recebemos informação da fonte. Um participante diz algo, seja em português ou em libras. A declaração vem de um contexto específico e é vinculada ao objetivo de quem a falou.

Análise da mensagem original.

O intérprete precisa analisar a declaração do participante para entender o significado. Para poder fazer isso, o intérprete deve possuir competência linguística e sócio-cultural para compreender a mensagem.

Determinação da mensagem sem o formato linguístico. Após a análise, o intérprete deve determinar a mensagem central sem depender das palavras ou sinais utilizados para criar a original. Este passo fundamental é conhecido como “dropping form”, ou “soltando a forma da original”. Representa uma habilidade crítica para o intérprete.

Composição da mensagem interpretada (alvo). O intérprete deve criar um novo enunciado na língua alvo sem espelhar a estrutura ou forma da mensagem original.

Monitoramento do processo. Durante o processo, o intérprete deve monitorar-se e observar a reação dos participantes para assegurar compreensão mútua e que a mensagem está sendo recebida conforme intencionada.

O termo “surdo-mudo” é rejeitado pelos grupos e associações de surdos. O portal da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos explica que a expressão “tem sua raiz na história, num tempo muito antigo quando a pessoa Surda estava condenada à mudez. Ser surdo significava automaticamente ser mudo, e pior, ser um abandonado, excluído, desacreditado!”

Basta saber o alfabeto?

De jeito nenhum. O alfabeto manual, também conhecido como alfabeto datilológico, é muito utilizado para comunicar nomes próprios ou palavras que ainda não possuem sinal correspondente, mas para uma comunicação efetiva é preciso aprender muitos outros sinais e estruturas gramaticais. Além de estudo teórico, aprender Libras, como qualquer língua, requer também muita prática. Conhecer o alfabeto é apenas o primeiro passo.



Existem tantos sinais icônicos (que fazem alusão a imagem do que representam), quanto arbitrários (que não mantêm semelhança com o que representam).

Mesmo os sinais icônicos não são necessariamente evidentes. Para quem não conhece a língua, entender uma conversa em Libras, geralmente é bastante difícil.

É bastante comum a suposição de que todas as línguas de sinais são iguais ou que se deveria criar uma língua de sinais internacional. Mas assim como cada país tem seu idioma, tem também sua língua de sinais.

O caráter linguístico da língua de sinais também é reconhecido pela ocorrência de regionalismos, variações locais, sotaques, gírias, da mesma maneira que ocorre com as línguas orais.

Já se defendeu que a impossibilidade de uma versão escrita da língua de sinais confirmaria sua invalidade linguística. Pois esta suposição já foi contrariada, o SignWriting consiste em um sistema de escrita da língua de sinais, criado por Valerie Sutton em 1974, capaz de transcrever línguas de sinais do mesmo modo que o Alfabeto Fonético Internacional é capaz em relação as línguas faladas.

Existem, inclusive, títulos de livros infantis que empregam tanto o português, quanto o SignWriting, além de recontar histórias clássicas a partir de personagens surdos como é o caso de “Rapunzel Surda” e “Cinderela Surda”.

O educador Paulo Freire já disse que a "leitura do mundo precede a leitura da palavra". Como ensinar uma língua oral-auditiva para uma pessoa que não escuta som algum? É bastante improvável que o aprendizado e a comunicação ocorram satisfatoriamente. Ao contrário do que muito já se defendeu, o aprendizado da Libras é fundamental para o posterior aprendizado do português, que é considerado uma segunda língua para a pessoa surda.

Enfim, é importante entender: o aprendizado da Libras não prejudica o aprendizado do Português.

Pessoas surdas possuem níveis diferentes de compreensão do português escrito, algumas delas com dificuldades que podem inviabilizar o entendimento e interpretação de um texto. Por isso, nem sempre é suficiente incluir um texto escrito para promover acessibilidade para surdos.

Estas dificuldades em muito se relacionam com o emprego de metodologias de ensino inadequadas e ineficientes e que, na maior parte dos casos, excluem a língua de sinais e os recursos visuais e pedagógicos necessários.

De qualquer maneira, o uso de legendas são importantes, ampliam a acessibilidade a pelo menos parte da comunidade surda.

Existem muitos "idiomas" de línguas de sinais. No Brasil, temos a Libras - Língua Brasileira de Sinais. Já pensou que esse método de comunicação permite, por exemplo, falar de baixo da água? Pense bem, usando a língua dos sinais você não fica mal educado por falar de boca cheia.



Aprendeu muitos sinais incríveis, se esforçou ao máximo para decorá-los, mas simplesmente esqueceu como eram...

Anotou algum sinal que aprendeu, e você mesmo(a) não conseguiu lembrar como fazer, por exemplo, "Currículo Lattes: mão esquerda espalmada para fora. Mão direita parece um olhinho com 3 perninhas. Esta faz dois movimentos para baixo tipo esfregando na frente outra (essa última parte ficou complicada)";

Deu um branco na hora de conversar com um surdo ou, pior ainda, enquanto estava interpretando uma palestra para a Libras;

Estava em uma aula ou palestra, aprendeu um sinal novo ou algum conceito muito importante em Libras, não tinha como fazer anotações e o conhecimento se perdeu;

Fez vários vídeos de sinais em Libras, mas não conseguiu achar quando mais precisava;

Sente que não consegue memorizar os sinais da Libras direito;

Você é professor de Libras ou de surdos e sente que é contraditório fazer seus planos de aula ou slides da Libras em português;

Ao fazer anotações ou transcrições da Libras no papel teve que escrever em glosas e nem se lembra mais o jeito certo de fazer a frase. Por exemplo: P-E-D-R-O H-E-N-R-I-Q-U-E FORMAR FACULDADE JÁ. IX AMAR CAVALO^LISTRA. TRABALHAR CASA^ESTUDAR. FAZER PAINEL-DE-MADEIRA-COM-FOTOS-E-RECORTES-DE-JORNALcl MOSTRAR...

Ao fazer transcrições de um vídeo, gastou horas e horas trabalhando no ELAN (programa de transcrição quase segundo por segundo usando termos chave em português para fazer a descrição vídeos de textos em Libras);

Já criou muitos sinais em Libras em sala de aula com os alunos. Esqueceu todos os sinais e no ano seguinte teve que criar tudo de novo.

A Escrita de Sinais (SignWriting) é um sistema de escrita internacional criado em 1974 pela norte-americana Valerie Sutton.

Ao longo dos anos foi aperfeiçoada e validada linguistas surdos e ouvintes de todo o mundo.

Atualmente é usada para escrever mais de 62 Línguas de Sinais.

É uma escrita estável e reconhecida pelo comitê do International Organization for Standardizations (ISO) como escrita das línguas de sinais.

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

A língua de sinais é uma língua natural, ou seja, surgida espontaneamente da interação entre as pessoas, utilizada por comunidades surdas – os surdos, sua família e outros que se comunicam com pessoas surdas.

A língua de sinais não se limita a gestos soltos, mímicas, ou a simples transformação de palavras em gestos: é uma língua à parte, que se diferencia da língua oral por utilizar um meio gestual-visual-espacial e não oral-auditivo.

A LIBRAS ou Língua Brasileira de Sinais é a língua gestual-visual utilizada pelos surdos brasileiros, e tem sua origem na língua de sinais francesa. A língua de sinais não é universal, é como um idioma, cada país tem a sua, por exemplo, a língua gestual-visual utilizada em Portugal (Língua Gestual Portuguesa – LGP) possui sinais diferentes da que é utilizada no Brasil. Os sinais são formados a partir da combinação do movimento com a forma das mãos juntamente com o ponto no corpo ou no espaço onde são feitos esses sinais.

É possível que um surdo brasileiro seja fluente em LIBRAS, mas não seja alfabetizado no Português ou o inverso. Da mesma forma, na LIBRAS também existem diferenças regionais, portanto, deve-se ter atenção às variações praticadas em cada unidade da Federação, a exemplo dos sotaques e gírias que acontecem na língua oral.

Como toda língua natural, a LIBRAS é uma língua complexa, portanto, também possui níveis linguísticos, tais como a sintaxe (elementos de uma frase e suas relações de tempo, de concordância etc.) e a semântica (significado das palavras e símbolos), dentre outros. Isso quer dizer que a LIBRAS é uma língua completa, os seus sinais, juntamente com expressões corporais e faciais, expressam os sentidos do pensamento que são captados pela visão e decodificados a partir dos contextos onde estão sendo utilizados.

Falar com as mãos é combinar elementos para formar as palavras e com estas, formar as frases em um contexto. Esses elementos, na LIBRAS, são conhecidos por parâmetros, que se combinam, principalmente com base na simultaneidade. São eles:

Ponto de articulação - onde o sinal é feito: tocando alguma parte do corpo, ou em espaço neutro vertical (do meio do corpo à cabeça) e horizontal (à frente do emissor).

Configuração das mãos - forma das mãos. O sinal pode ser feito pela mão predominante (direita para destros e esquerda para canhotos), ou pelas duas mãos. Alguns sinais podem ter a mesma configuração das mãos, mas serem

produzidos em lugares diferentes do corpo ou espaço neutro. Por exemplo, os sinais APRENDER, SÁBADO e DESODORANTE- SPRAY têm a mesma configuração de mão e são realizados em pontos de articulação diferentes: testa, boca e axila, respectivamente.

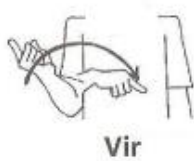
Movimento - os sinais podem ter ou não movimento.

Expressão facial / corporal - são extremamente importantes para a compreensão real dos sinais. Dão a entonação da língua de sinais e determinam o significado da mensagem.

Orientação / direção - direção da palma da mão na execução do sinal. • Por exemplo, os verbos IR e VIR se opõem em relação à direção, tal como os verbos SUBIR e DESCER.



Aprender



A LIBRAS possui, ainda, algumas características que merecem destaque.

São elas: Iconicidade e Arbitrariedade A modalidade gestual-visual-espacial da LIBRAS leva, muitas vezes, as pessoas a pensarem que todos os sinais são um “desenho no ar” daquilo a que se referem. É claro que, em função da sua natureza linguística, a realização de um sinal pode ser motivada pelas características do dado da realidade que representa, mas isso não é uma regra. A grande maioria dos sinais da LIBRAS é arbitrária, ou seja, não mantém relação de semelhança alguma com seu referente. Assim, para ficar claro, vamos conhecer alguns conceitos:

Iconicidade – sinais icônicos são aqueles em que o gesto reproduz ou faz alusão à imagem do seu referente. Como exemplo, temos CASA, BORBOLETA e TELEFONE.

Arbitrariedade – ocorre quando o gesto não faz alusão à imagem do seu significado. Exemplos: CONVERSAR, PESSOA, PERDOAR.

Convenções da Libras Como toda língua de sinais, a LIBRAS também possui convenções específicas para seu uso. Essas convenções referem-se a:

Grafia - para simplificar, os sinais em Libras serão apresentados na língua portuguesa em letras maiúsculas. Ex.: ESCOLA, PROFESSOR

Datilologia - é o alfabeto manual, utilizado para nomes de pessoas, lugares e outros que não possuam sinal próprio. É a “soletração”. Será representada por palavras em maiúsculas com as letras separadas por hífen. Ex.: C-A-R-L-O-S, H-I-P-O-T-E-C-A

Verbos – são usados no infinitivo. Conjugações e concordâncias são feitas no espaço. Ex.: CARLOS GOSTAR ESCOLA

Frases - seguirão a estrutura da LIBRAS e não do português. Ex.: VOCÊ GOSTA ESCOLA? (Você gosta da escola?)

Pronomes pessoais – são representados pelo sistema de apontação. Em LIBRAS, apontar é cultural e gramaticalmente correto.

Desinências – em LIBRAS, não há desinência para gênero (masculino e feminino). Com isso, na língua portuguesa terminam com o símbolo @ para enfatizar a ideia de ausência e não permitir confusão. Ex.: MENIN@

A LIBRAS é uma das linguagens de sinais existentes no mundo inteiro para a comunicação entre surdos. Ela tem origem na Linguagem de Sinais Francesa.

As linguagens de sinais não são universais, elas possuem sua própria estrutura de país pra país e diferem até mesmo de região pra região de um mesmo país, dependendo da cultura daquele determinado local para construir suas expressões ou regionalismos.

Para determinar o seu significado, os sinais possuem alguns parâmetros para a sua formação, como por exemplo a localização das mãos em relação ao corpo, a expressão facial, a movimentação que se faz ou não na hora de produzir o sinal, etc.

Para expressar os números ordinais (primeiro, segundo, terceiro, quarto...), basta fazer os mesmos sinais para os números cardinais, mas tremendo levemente com a mão.

Os sinais surgem da combinação de movimentos da mão e de pontos de articulação, que são locais no próprio corpo humano ou no espaço onde os sinais são feitos também de expressões faciais e corporais. Desta forma, a Língua Brasileira de Sinais configura um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos.

Existem algumas particularidades da língua, que facilitam o entendimento, como o fato dos verbos sempre se apresentarem no modo infinitivo e os pronomes pessoais não existirem, o que faz com o que o utilizador da língua sempre aponte a pessoa de quem se fala para ser entendido.

Intérprete

A primeira-dama Michelle Bolsonaro quebrou o protocolo ao discursar na cerimônia de posse do presidente Jair Bolsonaro (PSL). Usando a Língua Brasileira de Sinais (Libras), Michelle falou que "as urnas foram claras": "O

cidadão brasileiro quer segurança, paz e prosperidade". O discurso foi traduzido por uma intérprete.

Apesar de sua longa existência, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ainda é cercada de desconhecimento e menos popular na sociedade do que deveria. Mas seu futuro é promissor.

Viver no silêncio não significa que não se tenha muito a comunicar. Assim como também se tem muito a estudar, ler, se informar, se divertir – enfim, a fazer qualquer outra atividade comum à maioria das pessoas.

A diferença é que essas atividades são intermediadas por outra língua que não o português: a Libras, sigla de Língua Brasileira de Sinais.

Desde 2002 (Lei No. 10.436) a Libras é a língua de sinais principal e oficial do Brasil, dotada de estrutura, expressões idiomáticas, gírias e gramática próprias.

As línguas de sinais, assim como as orais, não são as mesmas no mundo. Cada país tem a sua própria, sendo a Língua de Sinais Francesa (LSF) a origem comum entre a maioria das línguas gestuais dos países ocidentais, entre elas a do Brasil.

A língua de sinais foi trazida para o Brasil em 1855 pelo professor francês Ernest Huet (1822-1882), que era surdo. Ele mesclou sua experiência na escola para surdos de Paris com a comunicação de sinais já utilizada no território brasileiro e criou a Libras.

“A comunicação por sinais não é feita apenas por gesticulação de mãos e dedos, mas por outras partes do corpo; são sobretudo expressões faciais e a direção do gesto que formam palavras, frases e diálogos”

Em 1857, com a parceria de dom Pedro II, Huet fundou a primeira escola para surdos do país, o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro, hoje Instituto Nacional de Educação dos Surdos (Ines). Essa escola não só oferta ensino para a população surda, mas também encaminha surdos para o mercado de trabalho, fomentando pesquisas, promovendo congressos e embasando políticas públicas na área da surdez.

Mas foi só em 2005 que o decreto 5626 não só reconheceu a atividade profissional de tradutor-intérprete de língua de sinais, como assegurou direitos às pessoas surdas nas áreas da educação e da saúde e na valorização e difusão da Libras – entre eles a garantia de uma educação bilíngue (Libras-português) de pessoas com deficiência auditiva, incluindo material didático específico.

Para Assis, a Lei de Libras foi um marco, não só por reconhecer legalmente a Libras como meio de expressão e comunicação dos surdos, mas também por garantir e tornar obrigatório que nos cursos de licenciatura se aprenda a língua e que se formem cursos de Letras-Libras e Tradução e Interpretação de Português-Libras. Outro ponto importante na lei foi a determinação de que 5% dos funcionários de agências e concessionários do serviço público saibam Libras.

Embora pareça um “atraso brasileiro”, nossa legislação relativa aos surdos e à língua de sinais é considerada avançada. Nos países ocidentais em geral, a dedicação, a pesquisa e o estudo sobre essa forma de comunicação são recentes, em termos históricos. Eles começaram nos anos 1960, nos Estados Unidos; os debates se espalharam nos anos 1980 e os consequentes avanços jurídicos se concretizaram por volta dos anos 2000.

Os EUA abrigam em Washington a Universidade Gallaudet, única instituição do mundo cujo currículo acadêmico foi desenvolvido totalmente para quem se comunica em língua de sinais. A Gallaudet inspirou o Instituto Federal Bilíngue, primeiro campus bilíngue do Brasil, em Palhoça (SC), que oferece ensino em Libras nos níveis médio, de graduação e pós-graduação.

Alguns obstáculos e o curto tempo em vigor ainda não permitem que a lei de 2002 e o decreto de 2005 sejam cumpridos efetivamente. “A educação dos surdos ainda se depara com falta de formação de professores e demais profissionais, além de falta de adequação dos conteúdos, que são baseados em uma visão ‘ouvintista’”

A última edição do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi um exemplo do tamanho do distanciamento da sociedade quanto à inserção dos surdos na educação. O tema proposto, “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”, originou críticas por parte de estudantes, que reclamaram da dificuldade para desenvolver o tema.

Foi um importante marco a escolha dos organizadores por esse tema, pois, ao expor o desconhecimento, ele pode despertar o interesse pelo assunto e ajudar a divulgação da luta pela inclusão da comunidade surda. A edição de 2017 do Enem também foi histórica para essa população, pois foi a primeira vez em que os surdos puderam realizar a prova em sua primeira língua.

A Língua Brasileira de Sinais, ou LIBRAS, é a língua de modalidade gestual-visual reconhecida por Lei como meio de comunicação usada pela maioria dos surdos do Brasil. A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, coloca LIBRAS no grupo das línguas do país.

Tal classificação é possível porque ela preenche os requisitos científicos para tanto, uma vez que apresenta um funcionamento gramatical e enunciativo próprio, com suas estruturas sintáticas, semânticas, morfológicas etc.



A língua de sinais não é universal e cada país tem a sua própria, como acontece com as línguas orais: a língua portuguesa, a língua inglesa, a língua espanhola, a língua alemã. Vale lembrar que a Libras não é a tradução da língua portuguesa, ou seja, não se trata de realizar o português sinalizado; a Libras é uma outra língua com gramática e características próprias.

O português sinalizado foi difundido na década de 1970 pela filosofia do bimodalismo/comunicação total, cujo objetivo era utilizar os sinais como ferramentas para o aprendizado da língua majoritária e recurso para o desenvolvimento da leitura e escrita, não assumindo a língua de sinais como língua com estrutura gramatical própria e parte de uma cultura surda.

A língua brasileira de sinais possui uma estrutura gramatical própria com todos os elementos constitutivos da estrutura gramatical presente nas demais línguas orais. A gramática da Libras não é uma adaptação da gramática da língua portuguesa. Têm-se níveis linguísticos que também fazem parte da língua de sinais que são: a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica, a pragmática.

Nas línguas orais-auditivas existem as palavras (estruturas mínimas de significação), e nas línguas de sinais também existem os itens lexicais, que recebem o nome de sinais. A diferença encontra-se na sua modalidade de articulação, que é visual-espacial.

Para a comunicação em Libras não basta apenas conhecer os sinais, sendo fundamental conhecer a sua gramática própria, usada de acordo com o contexto das expressões pretendidas.

Os sinais diferenciam-se por parâmetros como as configurações de mão, os movimentos, os pontos de articulação (locais no espaço ou no corpo onde são feitos), as orientações de mão e as expressões não manuais, os quais, juntos, compõem as unidades básicas dessa língua.

Assim, a Libras apresenta-se como um sistema linguístico que permite a transmissão de ideias e fatos, oriunda de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Como em qualquer língua, também se verificam diferenças regionais, portanto deve-se ter atenção às variações linguísticas. Então, a Libras possibilita a expressão de qualquer pensamento, bem como apresentar diversidade de expressões em quaisquer áreas de estudos, tais como: literatura e poesia, piadas, filosofia, elementos técnicos, etc.

Destaca-se também que a gramática da língua de sinais pode sofrer variações a depender do contexto comunicativo: formal, informal, regional e padronizado. A Libras é, portanto, uma língua utilizada pelos surdos como forma de comunicação visual-espacial.

Sendo a língua natural das pessoas surdas, a Libras é parte da cultura das comunidades surdas. São consideradas línguas artificiais aquelas inventadas por um determinado grupo para um propósito específico, para comunicação internacional, por exemplo. No caso das línguas de sinais, foi criado o Gestuno, conhecido como um sistema de sinais internacionais – mencionado em um Congresso Mundial da Federação Mundial de Surdos em 1951 – e que vem sendo utilizado em eventos internacionais para facilitar a comunicação entre surdos de vários países.

Aspectos gramaticais da Libras

A língua brasileira de sinais tem gramática própria. Deve-se o reconhecimento linguístico das línguas de sinais, como línguas verdadeiras, ao linguista William Stokoe que, em 1960, comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína.

Dentre os componentes da Libras iniciaremos pelo alfabeto manual. O alfabeto manual é conhecido também como alfabeto datilológico ou datilologia, com o qual é possível soletrar 27 diferentes letras (contando também com o grafema "ç", que é a configuração de mão da letra C com movimento trêmulo) por meio da mão.

Não se deve pensar que o alfabeto manual é a língua de sinais, pois ele possui uma função específica. Na interação entre pessoas usuárias da língua de sinais, ele é utilizado para soletrar nomes próprios de pessoas ou lugares,

siglas, elementos técnicos, palavras que ainda não possuem sinais correspondentes, ou em algumas situações de empréstimo de palavras da língua portuguesa, lembrando que cada formato de mão corresponde a uma letra do alfabeto do português brasileiro ou não.

Cada país tem seu próprio alfabeto manual; somente os Estados Unidos e o Canadá têm alfabetos manuais iguais. No caso dos Países Britânicos, o alfabeto manual é realizado com as duas mãos. Há também o alfabeto manual para as pessoas surdas-cegas, também realizado com as duas mãos para soletrar as palavras, mas nesse caso há a necessidade de pegar na mão do interlocutor para tatear o sinal.

Uma mesma configuração de mão pode ser usada para representar diferentes sinais, isso porque à configuração de mão se somam os demais parâmetros (locação de mão/ponto de articulação, orientação da mão ou expressão não manual). No exemplo a seguir, temos uma mesma configuração de mão para diferentes sinais:

EXEMPO	DESCULPAR	AZAR
a	b	c

A locação de mão ou ponto de articulação, segundo William Stokoe, é um dos principais aspectos formacionais da língua de sinais. A locação é a área do próprio corpo ou espaço neutro em frente ao corpo onde os sinais são articulados. Para articular um sinal usa-se alguma região do próprio corpo, que pode ser a cabeça, o tronco, braços, ombros ou mãos, ou ainda um espaço neutro relativamente distante do corpo. A seguir são apresentados exemplos em que a configuração de mão é mantida e variam a locação de mão/ponto de articulação, configurando diferentes sinais.

LARANJA ou SÁBADO	APRENDER	OUVIR
a	b	c

a) Laranja ou sábado; b) Aprender; c) Ouvir.

Percebe-se que essas imagens destacam as oposições criadas pela locação de mão. Por exemplo, o sinal referente a "laranja" ou "sábado" localiza-se na boca, enquanto o sinal referente a "aprender" é localizado na testa. O sinal para "ouvir" localiza-se na orelha direita.

O movimento é outro parâmetro fonológico que envolve diferentes formas e direções desde os movimentos da mão. As autoras Quadros & Karnopp citam Klima & Bellugi para descrever o conceito de movimento como um:

[...] parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço (KLIMA & BELLUGI, apud QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 54).

A seguir são mostrados exemplos do parâmetro movimento que cria diferentes significações na língua de sinais:

TER	PECAR	FEIO
a	b	c

a) Ter; b) Pecar; c) Feio.

Essas imagens permitem perceber as oposições de movimento e outras características. Por exemplo, a configuração de mão do sinal referente a "ter" é formada pela letra "L", localizada na parte central do peito e possui movimento direcionado para trás até o contato único com o corpo.

O sinal referente a "pecar" tem a configuração de mão fechada, localizada no peito e com movimento e contato duplo no peito. E no último sinal, "feio", tem-se a configuração de mão formada pela letra "L", localizada no peito e com o movimento e contato duplo no peito.

A orientação da palma de mão é um parâmetro secundário, pois não foi considerado como um parâmetro distintivo no trabalho inicial de Stokoe, quando ele propôs o esquema linguístico estrutural para a formação dos sinais em três principais parâmetros: CM, L e M. Contudo, segundo Quadros & Karnopp (2004), o movimento ligado à direção da palma da mão também colabora para a determinação do sinal, ou seja, a direção para qual a palma da mão aponta na produção do sinal pode ser um traço distintivo. A palma da mão

pode estar orientada para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a esquerda ou para a direita. Destaca-se que pode acontecer mudança na orientação de mão durante a execução do movimento de um determinado sinal.

A seguir são apresentados exemplos de sinais com orientação de mãos diferentes:

a) Um	b) Você
c) Eu;	d) Essa/esse ou ela/ele.

a) Um; b) Você; c) Eu; d) Essa/esse ou ela/ele.

Como se percebe quando sinalizados os sinais: em "um", a orientação de mão está direcionada para cima; já em "você", a orientação de mão está direcionada para frente apontando para o receptor; ou seja, para uma mesma configuração de mão, mesmo ponto de articulação e mesmo movimento houve alteração apenas na orientação da palma da mão.

Para o sinal "eu", a orientação de mão está direcionada para o emissor; já para o sinal "essa/esse ou ela/ele", a mão está direcionada para o lado esquerdo, considerando nesse caso que o objeto ou a pessoa a que se refere o sinal está posicionado nesse lado. Por exemplo, se o objeto ou pessoa está ao lado direito, então a configuração de mão muda para esse lado, apontando para tal objeto/pessoa.

As expressões não manuais são os movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco. Segundo Quadros & Karnopp (2004), as expressões não manuais prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: a diferenciação de itens lexicais e a marcação de construções sintáticas.

O primeiro papel marca referências específicas, referências pronominais, partículas negativas, advérbios, grau ou aspecto. Já o segundo papel marca as sentenças interrogativas, exclamativas, orações relativas, topicalizações, concordância e foco. Nós precisamos estar atentos às expressões faciais e corporais que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase. Por exemplo, quando transmite a mensagem afirmativa por meio da língua de sinais, as sobrancelhas e expressão ficam neutras e a cabeça movimenta-se para cima e para baixo; quando é interrogativa, as sobrancelhas são franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima; quando é exclamativa, as sobrancelhas estão levantadas e ocorre um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo. Quando se trata

de frase negativa, a negação pode ser feita por meio de três processos na língua de sinais: primeiramente com o acréscimo do sinal “não” à frase afirmativa; ou, segundo, com a incorporação de um movimento contrário ao do sinal negado; ou, terceiro, com um aceno de cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada ou juntamente com os processos acima.

Os ouvintes, acostumados com a oralidade, usam pouco a expressão facial para comunicação e terão um novo desafio para aprender a utilizá-la na comunicação em Libras, já que as diferentes expressões faciais são fundamentais na língua e também para a interação com pessoas surdas.

Portanto, para compreender a gramática de uma língua, é preciso apreender e estudar as regras de formação e de combinação de seus elementos, e também perceber os diferentes contextos de uso de determinados sinais para a formação de frases em Libras. A atenção ao contexto favorece o uso de expressões faciais e corporais adequadas para melhor inteligibilidade daquilo que se pretende dizer.

A comunicação humana pode ocorrer de diferentes formas. Nem sempre recorreremos à linguagem verbal (seja ela falada ou sinalizada) para nos expressarmos. Esse pode ser o caso quando duas pessoas não falam a mesma língua. Elas vão ter que encontrar outra forma para se comunicar, como apontar para objetos, fazer desenhos, usar gestos para tentar expressar suas idéias. Até mesmo falantes de uma mesma língua, em determinadas situações, podem lançar mão de outros recursos para se fazer entender. Quando um guarda de trânsito faz um determinado movimento com os braços, as pessoas são capazes de compreender se devem parar, se podem prosseguir, se devem retornar, entre outros comandos. As expressões faciais também fazem parte da comunicação humana. Através delas, podemos revelar emoções, sentimentos, intenções para nosso interlocutor.

Nível morfológico

São chamadas de marcações não-manuais e acompanham determinadas estruturas, tendo um escopo bem definido. No nível morfológico, as marcações não-manuais estão relacionadas a grau e apresentam escopo sobre o sinal que está sendo produzido.

Nível da sintaxe

No nível da sintaxe, as marcações não-manuais são responsáveis por indicar determinados tipos de construções, como sentenças negativas, interrogativas, afirmativas, condicionais, relativas, construções com tópico e com foco.

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, isto é, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais. Esta iconicidade mais evidentes nas estruturas das línguas de sinais do que nas orais deve-se a este fato e ao fato de que o espaço parece ser mais concreto e palpável do que o tempo, dimensão utilizada pelas línguas orais-auditivas quando constituem suas estruturas através de seqüências sonoras que basicamente se transmitem temporalmente.

Entretanto, as formas icônicas das línguas de sinais não são universais ou o retrato fiel da realidade. Cada língua de sinais representa seus referentes, ainda que de forma icônica, convencionalmente porque cada uma vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva.

Por exemplo, o sinal ÁRVORE em LIBRAS representa o tronco da árvore através do antebraço e os galhos e as folhas através da mão aberta e do movimento interno dos seus dedos. Porém, o sinal para o mesmo conceito em CSL (língua de sinais chinesa) representa apenas o tronco com as duas mãos semiabertas e os dedos dobrados de forma circular. Em LIBRAS, o sinal CARRO/DIRIGIR é icônico porque representa o ato de dirigir, porém, é também convencional porque em outras línguas de sinais não toma necessariamente este aspecto dos referentes ‘carro’ e ‘ato de dirigir’ como motivação de sua forma mas sim outros.

O Léxico ou Vocabulário da LIBRAS

O léxico pode ser definido ‘grosso modo’ como o conjunto de palavras de uma língua. No caso da LIBRAS, as palavras ou itens lexicais são os sinais. Pensa-se frequentemente que as palavras ou sinais de uma língua de sinais é constituída a partir do alfabeto manual como por exemplo:

(1) a) C-E-R-T-O b) M-Y-R-N-A c) C-H-O-P-P

Entretanto, não é este o caso. A soletração manual das letras de uma palavra em português, como no exemplo (1), é a mera transposição para o espaço, através das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. Isto é, um meio de se fazerem empréstimos em LIBRAS. Assim, como temos a palavra “xerox” em português que é um empréstimo do inglês, os exemplos em (1) ilustram os inúmeros empréstimos da LIBRAS. (1-a) é a soletração do nome de uma pessoa, isto é, de um nome próprio em português porque os nomes próprios, em LIBRAS, são diferentes. Assim, quando uma pessoa quer apresentar alguém a alguém, primeiro soletrará seu nome em português (M-Y-R-N-A) e, se ele tiver um nome em LIBRAS, este será articulado em seguida.

Soletração Digital



C-E-R-T-O

Sinal



CERTO

Agora sim temos uma palavra de LIBRAS. Podemos perceber que ela não articulada de forma linear como o são as soletrações em (1). Esta palavra ou sinal tem uma estrutura distinta daquela das soletrações ou das palavras em português. As palavras, em português, são formadas pela justaposição linear de seus componentes ou unidades mínimas distintas.

As línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque, devido à sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito — descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato—enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. As línguas de sinais são complexas porque dotadas de todos os mecanismos necessários aos objetivos mencionados, porém, econômicas e "lógicas" porque servem para atingir todos esses objetivos de forma rápida e

eficiente e até certo ponto de forma automática. Tratando-se de significados que demandam operações complexas que devem ser transmitidas prontamente diante de diferentes situações e contextos, seus usuários terão que se utilizar dos mecanismos estruturais que elas oferecem de forma apropriada sem ter que pensar e elaborar longamente sobre como atingir seus objetivos lingüísticos. As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque se utilizam de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos "fonológicos", morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários por meio das mesmas dimensões espaciais.

Entretanto, as formas icônicas das línguas de sinais não são universais ou o retrato fiel da realidade. Cada língua de sinais representa seus referentes, ainda que de forma icônica, convencionalmente, porque cada uma vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva.

Por exemplo, o sinal ARVORE em LIBRAS representa o tronco da árvore através do antebraço e os galhos e as folhas através da mão aberta e do movimento interno dos seus dedos. Porém, o sinal para o mesmo conceito em CSL (língua de sinais chinesa) representa apenas o tronco com as duas mãos semiabertas e os dedos dobrados de forma circular. Em LIBRAS, o sinal CARRO/DIRIGIR é icônico porque representa o ato de dirigir, porém é também convencional, porque em outras línguas de sinais não toma necessariamente este aspecto dos referentes 'carro' e 'ato de dirigir' como motivação de sua forma mas sim outros.



CARRO, DIRIGIR

O léxico pode ser definido grosso modo como o conjunto de palavras de uma língua. No caso da LIBRAS, as palavras ou itens lexicais são os sinais. Pensa-

se freqüentemente que as palavras ou sinais de uma língua de sinais é constituída a partir do alfabeto manual como por exemplo:

(l)a) CE-R-T-O b) M-Y-R-N-A c) C-H-O-P-P

Em LIBRAS, nem sempre os morfemas que formam as palavras são equivalentes aos do português. Podemos, porém, ilustrar os morfemas da LIBRAS como se segue:

SENTAR - movimento repetido (marca de nome)

BONITO - expressão facial — (marca de grau aumentativo)

BONITO - expressão facial O (marca de grau diminutivo)

FALAR - 2 mãos e movimentos longos (aspecto continuativo)

PEGAR - Cl:5 Classificador para objetos redondos grandes PEGAR - Cl:F Classificador para objetos pequenos

PODER - movimentos da cabeça (negação): NÃOPODER POSSÍVEL - movimento inverso das mãos (negação): IMPOSSÍVEL



FALAR SEM-PARAR

FALAR PELOS COTOVELOS

FALAR + aspecto continuativo

Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. ... Diferente de outras linguagens de sinais de outros países, a LIBRAS é considerada como um idioma único, sendo

mais do que um simples conjunto de sinais da língua portuguesa, já que em Portugal, há um sistema próprio diferente deste, chamado de Língua Gestual Portuguesa (LGP).

Muito popular entre profissionais que atuam com pessoas que apresentam deficiência auditiva, além de também ser muito popular, a Língua Brasileira de Sinais, mais conhecida como LIBRAS, é essencial para a comunicação destas pessoas.

Diferente de outras linguagens de sinais de outros países, a LIBRAS é considerada como um idioma único, sendo mais do que um simples conjunto de sinais da língua portuguesa, já que em Portugal, há um sistema próprio diferente deste, chamado de Língua Gestual Portuguesa (LGP).

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) tem suas origens no Instituto dos Surdos-Mudos, que atualmente é conhecido como Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES), considerada a primeira escola para surdos do Brasil.

Este instituto foi fundado em 1857, e realizou estudos diversos para desenvolver um método de linguagem genuinamente brasileiro, que foi fruto da mistura entre os métodos brasileiros existentes até então com o estruturado método francês de linguagem de sinais.

Desta mistura, acabou por surgir o que hoje convencionamos por chamar de LIBRAS, que é amplamente utilizado em todo o Brasil, ajudando a todos os que desejam se comunicar.

No entanto, apesar de ter suas origens na segunda metade do século XX, o fato é que a LIBRAS só veio a encontrar eco no que diz respeito à oficialização em 1993, quando foi encaminhado o projeto de lei que previa sua regulamentação.

Fato é que apenas em 2002, mais precisamente no dia 24 de abril, por meio da Lei de número 10.436, é que a LIBRAS acabou por se tornar o segundo idioma oficial do Brasil, sendo reconhecida como linguagem nativa para os surdos do país.

Depois do reconhecimento oficial conquistado em 2002, o fato é que a LIBRAS acabou por atingir, pouco a pouco, um espaço cada vez mais destacado, conseguindo ser regulamentada como disciplina curricular em 2005.

No ano de 2007, outra vitória para LIBRAS foi conquistada, quando ela recebeu a estrutura de língua, reforçando a ideia de que se trata de uma língua natural, tendo reconhecidos as suas complexidades e a sua eficácia.

Por fim, no ano de 2010, a profissão de tradutor/interprete de LIBRAS teve sua situação regulamentada, o que simbolizou mais uma grande conquista para os deficientes auditivos de todo o Brasil e para a LIBRAS como um todo.

Ao contrário do que muita gente pensa LIBRAS – Linguagem Brasileira de Sinais – é um idioma, não uma versão em sinais da maltratada Língua Portuguesa. LIBRAS é o idioma da pessoa surda, todos os surdos possuem a capacidade natural de se comunicar com as mãos, expressões faciais e corporais, mesmo que o surdo não frequente uma escola, ele irá desenvolver uma linguagem de sinais, é a chamada 'linguagem familiar'.

Em LIBRAS, não há distinção entre letras maiúsculas e minúsculas, também não existe conjugação verbal, é como se fosse uma linguagem 'resumida', quando comparada a língua portuguesa. Por exemplo escrever uma frase em LIBRAS, é escrever tudo com letras maiúsculas, em português teríamos: 'você conhece libras?', escrevendo a frase em libras, ficará: 'você conhecer libras?'. Não existe para cada conjugação verbal, um sinal diferente, entende-se a frase pelo contexto, é a mesma coisa quando a gente traduz um texto de um outro idioma para a língua portuguesa, as vezes a tradução ao pé da letra é algo sem sentido, e traduzimos pelo contexto. Entretanto existem sinais que indicam passado, presente e futuro que são usados junto com os verbos, que também auxiliam na interpretação dos diálogos em libras.

As pessoas surdas não são mudas, raramente um surdo é mudo, não falam, porque não aprenderam a falar. Nem todos os surdos fazem leitura labial, para que o surdo aprenda a fazer leitura labial, ele passa por um processo conhecido por 'oralização', antes da 'popularização' da LIBRAS no Brasil os surdos de famílias ricas eram oralizados, ensinar um surdo a fazer leitura labial requer um fonoaudiólogo, o que torna esse aprendizado caro para a maioria das famílias.



Como



Para quê



Qual



a) Tipos de frases: Na Libras, a prosódia para os tipos de frases está na diferenciação das MNMs para cada tipo: interrogativa, exclamativa e negativa, com suas possíveis combinações (Felipe, 1989; 2008). A forma afirmativa é neutra, quando não há uma MNM para ênfase afirmativa. A marca de negação através da MNM é obrigatória para as frases negativas; no entanto, o balançar da cabeça é opcional e a sua utilização pode caracterizar uma ênfase.

b) Interrogativas – QU: Esse tipo de interrogativa possui sinais manuais específicos e uma MNM ou combinações de MNM: um elevar das sobrancelhas concomitantemente a um movimento leve de cabeça para cima; balanços da cabeça para os lados e um elevar das sobrancelhas concomitantemente com um movimento leve de cabeça para cima, antecedendo ao sinal manual e que permanece até o final enunciado.

c) Topicalização: O argumento topicalizado é marcado por um levantar de sobrancelhas ou também, concomitantemente, por uma inclinação da cabeça do locutor, seguida de uma pausa.

d) Foco: No enunciado com foco, este ficando em posição inicial, é marcado através de um movimento de cabeça do locutor.

e) Concordância: Dependendo de tipo de concordância e contexto, há várias possibilidades de MNM, através dos três articuladores. Assim, a concordância pode ser marcada através: do movimento da cabeça levemente para cima, para um lado determinado, para frente ou para trás; das sobrancelhas levantadas ou abaixadas; dos olhos com diversas expressões e movimentos direcionados; do nariz enrugado; das bochechas infladas ou contraídas; dos lábios com formatos específicos e do tronco em várias posições.

f) Tempo e aspecto verbal: Os tempos presente, futuro e passado, além de serem expressos sintaticamente por sinais específicos para advérbio de tempo, podem ser também marcados por uma MNM, em relação ao corpo do sinalizador, através de uma linha temporal em que o presente seria a posição neutra, o futuro seria marcado por um movimento do corpo para frente e o passado pelo movimento do corpo para trás. Os aspectos verbais pontual, continuativo, durativo, iterativo e distribucional são marcados através da alteração da raiz Movimento de um sinal ou da frequência desse Movimento. Essa flexão para aspectualidade, através da alteração na frequência, da repetição, do alongamento, da tensão ou mudança da velocidade da raiz Movimento, pode ser coarticulada com uma mudança do ponto de articulação do verbo e com uma determinada MNM, como baixar e levantar as sobrancelhas, o movimento dos olhos e a posição da boca.

g) Enunciado que expressa condicional: Esse tipo de enunciado expressa situações hipotéticas e as MNMs são expressas através da elevação das sobrancelhas, normalmente coarticulada com a elevação do queixo, levemente conduzido à frente. O locutor pode coarticular o sinal manual (S-I) concomitante às MNMs, embora essa sinalização manual seja opcional, já que é gramatical utilizar apenas as MNMs que diferenciam um enunciado declarativo de um condicional.

h) Enunciado com oração relativa ou com conectores interfrásticos: Esse tipo de enunciado também é marcado pela elevação das sobrancelhas ao longo da oração ou do conector, podendo ter, concomitantemente, um movimento da cabeça para trás e um movimento específico da parte superior da boca e uma pausa na sinalização para o encaixamento da informação dentro do enunciado.

Expressões afetivas e gramaticais estão presentes nos enunciados enquanto prosódia visual. Mas, por essas expressões afetivas representarem estados e sensações que não estão explícitos na forma léxico-sintática dos enunciados, esses traços prosódicos podem ser manipuláveis pelos interlocutores que podem negá-los ou fingir que são ininteligíveis. Essas atitudes consentidas podem estar relacionadas a uma enunciação em que a polidez e discrição devem ser mantidas pelos interlocutores ou quando está se exigindo tacitamente uma atitude autoritária/subserviência, imposição/aceitação involuntária ou os interlocutores estejam ironizando, desdenhando, entre outras atitudes discursivas expressas através dessa prosódia visual. Assim, as expressões face corporais afetivas e gramaticais delimitam o sentido do enunciado na enunciação.

Uma língua de sinais (português brasileiro) ou língua gestual (português europeu) é uma língua visual, que surge nas comunidades de pessoas surdas ou se deriva de outras línguas de sinais. Assim como as línguas orais-auditivas, uma língua de sinais é considerada

pela linguística como língua natural, pois atende a todos os critérios linguísticos como qualquer língua. Por seu canal comunicativo ser diferente das línguas orais-auditivas, as línguas de sinais são denominadas como línguas de modalidade visuoespacial.

Os sinais, ou seja, as palavras, são articulados essencialmente pelas mãos e percebidos através da visão. Em uma língua de sinais, os sinais não são gestos. Os sinais são símbolos arbitrários, legitimados e convencionados pelos falantes de uma língua de sinais, assim como as palavras são em uma língua oral. Por meio de uma língua de sinais, o surdo ou pessoa com deficiência auditiva têm acesso à informação e à comunicação. Há no mundo muitas línguas de sinais e em muitos países línguas de sinais têm recebido o status de língua oficial.

Durante muitos anos, o oralismo, técnica defendida por Alexandre Graham Bell, foi a única forma aceitável de/para comunicação com as pessoas surdas. O famoso Congresso de Milão, de 1880, teve um impacto negativo sobre as línguas de sinais no mundo. Nesse congresso, os presentes, influenciados pelas ideias de Graham Bell, decidiram pela proibição da língua de sinais como método de educação de surdos. Assim, a língua falada oralmente foi imposta às pessoas surdas, e decretou-se, sem fundamentação científica alguma, que o oralismo deveria constituir a única forma de ensino. Diante disso, as línguas de sinais por mais de 100 anos foram violentamente proibidas e banidas dos espaços escolares.

Mesmo com a imposição do Congresso de Milão, as línguas de sinais resistiram. Com o passar dos anos, muitos linguistas se dedicaram a estudar diferentes línguas de sinais. O pioneiro foi o linguista americano William Stokoe, intitulado como o pai da linguística das línguas sinalizadas. Stokoe (1960) concluiu que as línguas de sinais apresentavam aspectos linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na sua capacidade de gerar infinitas sentenças e que deveriam ser pesquisadas e estudadas pela linguística.

Ao contrário do que muitos acreditam, a língua de sinais não é universal. Assim como as línguas orais, a variação linguística está presente também nas línguas de sinais. É grande a variedade de línguas de sinais ao redor do mundo. Segundo o site Ethnologue: Languages of the World, há mais de 140 línguas de sinais no mundo. São línguas completas, com a sua própria gramática e léxico.

Cada país tem a sua, ou até mais de uma, língua de sinais. Tomando como exemplo alguns países lusófonos, vemos que utilizam diferentes línguas de sinais: no Brasil existe a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua de Sinais Kaapor Brasileira, em Portugal existe a Língua Gestual

Portuguesa (LGP), em Angola existe a Língua Angolana de Sinais (LAS), em Moçambique existe a Língua Moçambicana de Sinais (LMS).

Assim como acontece nas línguas faladas oralmente, existem variações linguísticas dentro da própria língua de sinais, isto é, regionalismos e/ou sotaques. Essas variações se devem a ligeiras diferenças culturais e influências diversas no sistema de ensino do país, por exemplo. Há também outros fatores que favorecem à diversidade e à mudança linguística, como, por exemplo, a extensão e a descontinuidade territorial e os contatos com outras línguas. Além disso, deve-se levar em conta que diferenças culturais são determinantes nos modos de representação do mundo. Assim, os surdos sentem as mesmas dificuldades que os ouvintes quando necessitam comunicar com outros que utilizam uma língua diferente.

Há também uma língua de sinais, análoga ao Esperanto, conhecida como Gestuno. O Gestuno, também conhecido como língua de sinais internacional, é uma língua artificial e é usada em convenções e competições internacionais, visando estabelecer uma comunicação internacional.

Não se sabe quando as línguas de sinais se iniciaram. Mas, sua origem remonta possivelmente à mesma época ou a épocas anteriores àquelas em que foram sendo desenvolvidas as línguas orais. Uma pista interessante para esta possibilidade das línguas de sinais terem se desenvolvido primeiro que as línguas orais é o fato que o bebê humano desenvolve a coordenação motora dos membros antes de se tornar capaz de coordenar o aparelho fonoarticulatório. As línguas de sinais são criações espontâneas do ser humano e se aprimoram exatamente da mesma forma que as línguas orais. Nenhuma língua é superior ou inferior a outra, cada língua se desenvolve e expande na medida da necessidade de seus usuários.

É comum aos ouvintes pressupor que as línguas de sinais sejam versões sinalizadas das línguas orais. Por exemplo, muitos acreditam que a LIBRAS é a versão sinalizada da língua portuguesa do Brasil; que a Língua de Sinais Americana é a versão sinalizada da língua inglesa; que a Língua de Sinais Japonesa é a versão sinalizada da língua japonesa; e assim por diante. No entanto, embora haja semelhanças ou aspectos comuns entre as línguas de sinais, devido a um certo contato linguístico, as línguas de sinais são autônomas, possuem estruturas gramatical própria, não derivam das línguas orais e possuem peculiaridades que as distinguem umas das outras e das línguas orais.

A língua de sinais são completas em si mesmas, dispendo de recursos expressivos suficientes para permitir aos seus usuários expressar-se sobre qualquer assunto, em qualquer situação, domínio do conhecimento e esfera de atividade. Por meio de uma língua de sinais é possível criar poesias, contar e inventar histórias, discutir sobre filosofia, política, assuntos do cotidiano

etc. Emmanuelle Laborit, atriz surda, afirma no seu livro O Vôo da Gaivota, que tudo pode ser expressado por meio dos sinais, sem perder nenhum de conteúdo. Mais importante, ainda: é uma língua adaptada à capacidade de expressão dos surdos.

A língua de sinais por muito tempo foi considerada uma língua ágrafa. Entretanto, hoje, segundo Barreto e Barreto (2015), existem vários tipos de escritas. Os principais sistemas de escrita e de notação criados para registrar as Línguas de Sinais, segundo os autores são: Notação Mimographie, publicada em 1822 por Roch-Ambroise Auguste Bébien; Notação Stokoe, publicado em 1960 por William Stokoe. Seu sistema de notação fonética tinha como objetivo chamar a atenção dos linguistas, que desconheciam a língua de sinais, e servir como sistema de transcrição para análise dos sinais; Hamburg Notation System (HamNoSys), sistema de notação fonética baseada na notação de Stokoe. Sua primeira versão foi publicada em 1984 pela Universidade de Hamburgo – Alemanha; Sistema D'Sign, publicada em 1990 por Paul Jouison. O sistema é capaz de transcrever frases inteiras da Língua de Sinais Francesa; Notação de François Neve, publicado em 1996 por François Neves e desenvolvido a partir do sistema de Stoke; Sistema de Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), criado em 1997 pela Profa Dra Mariângela Estelita Barros e posteriormente melhorado em 2008. O ELiS é um sistema de escrita linear da esquerda para a direita, representados por uma série de grafemas para representar quatro parâmetros da língua de sinais; Sistema de Escrita Signwriting, criado em 1974 por Valerie Sutton. Segundo Sutton, o Signwriting é uma escrita internacional. É o sistema de escrita da língua de sinais mais utilizado no mundo.

Há também o Sistema de Escrita para Línguas de Sinais (Escrita SEL). O sistema de escrita foi desenvolvido pela Profa. Dra. Adriana S. C. 'Lessa-de-Oliveira em 1999 e posteriormente melhorado em 2011. A Escrita SEL foi desenvolvida para a Libras. Entretanto, segundo a criadora, pode ser utilizado para escrever outras línguas de sinais. Mas, em alguns casos é necessária adaptação simples.

Alfabeto dactilológico



a



b



c



d

A difusão do alfabeto dactilológico, também conhecido como alfabeto manual, a pressuposição de que esse alfabeto é a própria língua de sinais, que há uma única língua de sinais e que essa língua é universal. No entanto, o alfabeto dactilológico é apenas um código de representação das letras alfabéticas, cuja função é a soletração de palavras das línguas orais, de algum vocábulo da língua oral que ainda não possua um sinal correspondente na língua de sinais, etc.

De acordo com o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o alfabeto dactilológico usado atualmente no Brasil é um conjunto de 27 formatos, ou configurações diferentes de uma das mãos, cada configuração correspondendo a uma letra do alfabeto do português escrito, incluindo o “Ç”. O alfabeto manual também não é universal. Por ser convencionado, cada língua de sinais possui o seu alfabeto dactilológico. Há também o alfabeto manual para pessoas surdas-cegos. Nesse caso, os indivíduos os surdos-cegos precisam pegar na mão de quem está sinalizando.

É muito aconselhável soletrar devagar, formando as palavras com nitidez. Entre as palavras soletradas, é melhor fazer uma pausa curta ou mover a mão direita para o lado esquerdo, como se estivesse empurrando a palavra já soletrada para o lado. Normalmente o alfabeto manual é utilizado para soletrar os nomes de pessoas, de lugares, de rótulos, sinais de pontuação, tais como, vírgulas, ponto final e de interrogação, às vezes, são desenhados no ar. Preposições e outras classes de palavras de que a língua não dispõe são inseridas na sinalização por meio da dactilologia, ou do alfabeto manual.

Línguas de sinais e línguas orais

Ao falarmos em língua de sinais estamos a referir-nos a língua materna/natural de uma comunidade de surdos, isto é, uma língua de produção manuo-motora e de recepção visual, com vocabulário e gramática próprios, não dependente da língua oral, usada pela comunidade surda, que envolve também ouvintes, tais como familiares de surdos, intérpretes, professores e outros.

Aspectos comuns

Arbitrariedade: As línguas orais são maioritariamente arbitrárias, não se depreende a palavra simplesmente pelo sua representatividade, mas é necessário conhecer o seu significado. As palavras e os sinais apresentam conexões arbitrárias entre a forma e o significado. A iconicidade encontra-se presente nas línguas de sinais, mais do que nas orais, mas a sua arbitrariedade continua a ser dominante. Embora, nas línguas de sinais, alguns sinais sejam totalmente icônicos, é impossível, como nas línguas orais, depreender o significado da grande maioria dos sinais, apenas pela sua representação.

Comunidade: As línguas orais têm uma comunidade que as adquirem, como língua materna, cujo desenvolvimento se faz através de uma comunidade de origem, passando pela família, a escola e as associações. Todas as línguas orais têm variações linguísticas. Todas as línguas gestuais possuem estas mesmas características.

Sistema linguístico: As línguas orais são sistemas regidos por regras. O mesmo acontece com as línguas de sinais, conforme referenciado por Stokoe (1960).

Produtividade: As línguas orais possuem a características da produtividade e da recursividade, sendo possível aos seus falantes nativos produzirem e compreenderem um número infinito de enunciados, mesmo que estes nunca tenham sido produzidos antes. Acontece o mesmo com as línguas de sinais, sendo encontradas a criatividade e produtividade nas produções. Podemos falar diversas coisas de diversas formas a partir das regras de cada língua. Por exemplo, da LGP, pelos seus gestuantes nativos, parecendo não haver limite criativo.

Aspectos contrastivos: As línguas orais possuem aspectos contrastivos, isto é, as unidades fonológicas do sistema de determinada língua estabelecem-se por oposições contrastivas, ou seja, em pares de palavras, em que a substituição de uma unidade fonológica (um fonema) por outra altera o significado da palavra (por exemplo: parra e barra). Acontece o mesmo nas línguas de sinais, sendo que em vez de unidade fonológica, muda um pequeno aspecto do gesto (por exemplo, na LGP: método e liberdade).

Evolução e renovação: As línguas orais modificam-se, como no caso das palavras que caem em desuso, outras que são adquiridas, a fim de aumentar o vocabulário e ainda no caso da mudança de significado das palavras. O mesmo acontece nas línguas de sinais, a fim de responder às necessidades que a evolução socio-cultural impõe (por exemplo, na LGP, os seis gestos de "comboio", ou os gestos de "filme").

Aquisição da linguagem: A aquisição de qualquer língua oral é natural, desde que haja um ambiente propício desde nascença. Na língua de sinais acontece de igual forma, não tendo o indivíduo surdo que exercer esforço para aprender uma língua de sinais, ou necessidade de qualquer preparação especial.

Funções da linguagem: As línguas orais podem ser analisadas de acordo com as suas funções. O mesmo acontece com as línguas de sinais. As funções são: a função referencial, a emotiva, a conativa, a fática, a metalinguística, e a poética.

Processamento: Embora usando modalidades de produção e percepção, as línguas orais e de sinais são processadas na mesma área cerebral, no lado esquerdo do cérebro.

Características próprias das línguas de sinais

Segundo Chomsky, todas as línguas possuem um sistema de combinação. A partir de unidades simples, formam-se unidades mais complexas. As frases e sentenças são formadas a partir de palavras; as palavras são formadas a partir de unidades menores, morfemas; e os morfemas, são formadas a partir de fonemas. As línguas de sinais e de sinais se diferem quanto a forma como as unidades são construídas. Segundo Gesser (2009), enquanto as línguas orais tendem a organizar as unidades sequencialmente/linearmente; as línguas de sinais, de uma maneira geral, incorporam as unidades simultaneamente, pois um signo pode ser articulado com uma mão, e outro com a outra, de forma simultânea. Além disso, enquanto as mãos sinalizam itens lexicais, as expressões faciais e corporais fornecem informações discursivas e gramaticais. Mesmo assim, mesmo nas línguas de sinais, a linearidade está presente em todos os níveis de análise: do fonológico ao discursivo. Como por exemplo, nos sinais compostos. Nos sinais compostos, duas unidades preexistentes na língua se juntam para criar um novo vocábulo. Nesses casos, o sinal é realizado em uma ordem linear. Não é possível invertê-la.

Embora existam aspectos universais, pelos quais se regem todas as línguas de sinais, a comunicação visual dos Surdos não é universal. As línguas de sinais não seguem a ordem e estrutura frásicas das línguas orais.